

## EDITORIAL

### **QUANDO EU SOLTAR A MINHA VOZ SOBRE BRUMADINHO POR FAVOR ENTENDA: APRENDENDO COM NOSSA HISTÓRIA EM UM JANEIRO DE LAMA E DOR**

SONIA REGINA VARGAS MANSANO

Doutora em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Brasil.  
Docente do Programa do Pós-Graduação em Administração, do Programa do Pós-Graduação em Psicologia e do departamento de Psicologia Social e Institucional. Universidade Estadual de Londrina – UEL, Brasil.  
mansano@uel.br

Nem bem o ano iniciou e já fomos convocados a exercer nossa máxima potência de superação ante o tsunami de afetos tristes que invadiu esse começo de 2019. Remeto-me aqui ao crime empresarial e institucional cometido contra mais de 300 brasileiros moradores de Brumadinho, Minas Gerais, que tiveram suas vidas destruídas de modo brutal. Os números oficiais do crime, divulgados no final de março pela Defesa Civil de Minas, somavam 217 mortos identificados e 87 desaparecidos, cujos corpos provavelmente não poderão ser encontrados em função da situação adversa que tomou conta do local do crime.

Como não se afetar pelas imagens divulgadas pelas mídias de corpos correndo desesperados diante da poeira alta e do forte estrondo advindos da implosão no complexo de barragens da empresa Vale (reincidente criminosa)? Dá a impressão de que esses trabalhadores não entendiam o que de fato estava acontecendo, mas pressentiam sua gravidade fatal. Como não se colocar no lugar daqueles corpos inutilmente em fuga, sem direção, uma vez que ela simplesmente não existia em função de uma falta (novamente criminosa) de logística para proteção da vida dos trabalhadores e dos moradores da comunidade? Como acolher o fato de que todo crime foi previsto e esclarecido para a direção da Vale dois dias antes de sua ocorrência?

Aprendizagem e suavidade? Sim, são os nossos desafios hoje. Ocorre que mergulhados no ódio e no ressentimento, inevitáveis diante das imagens chocantes e dos números inaceitáveis, não se empreendem lutas. É que as cenas evidenciam a vulnerabilidade da existência diante de uma ausência total de planejamento, amor e zelo para com o cidadão, com a natureza, com a vida.

Nessa busca por uma suavidade, entretanto, deparamo-nos com algumas ações protagonizadas por pessoas anônimas que, distante da lógica mesquinha de mercado, ajudam a rascunhar seus contornos de solidariedade. Uma delas está na imagem tocante dos bombeiros revirando a lama e se arriscando à contaminação, dias a fio, em busca de corpos que trariam algum alento às famílias desesperadas por notícias.

**FIGURA 1 – TRABALHO DOS BOMBEIROS EM BRUMADINHO**



Fonte: Jornal Rede Brasil Atual (2019).

Outra suavidade era protagonizada pelos inúmeros voluntários que, bem distantes da mera caridade e da mistificação de uma mídia sensacionalista, pedante e interessada apenas em aumentar sua audiência, se dirigiram até o local do massacre e se colocaram à disposição para o que fosse necessário. Uma presença carinhosa e sensível que colocava em curso outro registro: o afetivo.

Houveá ainda as iniciativas de profissionais e voluntários que, de tempos em tempos, paravam o trabalho de resgate para fazer uma roda de acolhida, abraço e carinho às famílias que, já no seu limite afetivo, precisavam de um fôlego. Dispor-se em roda consiste em uma prática social atávica pela qual é possível olhar e sentir a presença viva do outro, criando um vínculo de solidariedade e afeto.

**FIGURA 2 – RODA DE APOIO ENTRE BOMBEIROS E VOLUNTÁRIOS**



Fonte: Jornal Brasil 247 (2019).

E o que dizer das famílias em pranto que, apesar de agredidas, perplexas e em estado de choque, ainda tinham força para esclarecer: SSim, havia sido um crime. Elas gritavam seu desejo por outro

mundo, livre desse tipo de ação capitalística predatória sobre a natureza e a vida humana, mostrando que os vínculos afetivos são infinitamente superiores aos ganhos e especulações financeiras. Exemplo disso é o depoimento lúcido e esclarecedor, uma verdadeira aula de cidadania, ministrada por uma esposa em busca de seu marido desaparecido. Sua fala jamais sairá dos ouvidos mais sensíveis: “Se o meu marido não tem valor pra vocês, pra mim ele tem. Ele é meu esposo, pai da minha filha, filho da minha sogra. Ele é um simples funcionário de vocês. **S u b s t i t u í v e l**. Mas para mim ele não é”.

Havia ainda a mobilização das famílias, vestidas de branco com os nomes das vítimas nas mãos, que declaravam: “Não queremos dinheiro”. Nesse ato de resistência, o que querem é ter as pessoas vivas.

**FIGURA 3 – MORADORES DE BRUMADINHO MARCHAM EM HOMENAGEM ÀS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA.**



Fonte: El país, 2019a.

A adoção governamental e empresarial de práticas brutais e desrespeitosas há muito tempo ganha contornos destrutíveis no Brasil e no mundo (Sassen, 2016). No que se refere especificamente aos governos, nota-se que foram adotadas como palavras de ordem, mais recentemente, o que chamam uma “faxina ideológica”. A suposta faxina, na realidade, destrói o Brasil, à medida que atua contra a diversidade política que caracteriza as sociedades democráticas. Ora, sobre o conceito de ideologia, cabe apenas uma constatação óbvia: O que estamos vivendo nesse começo de 2019 é a plena adesão a uma ideologia muito específica por parte do governo e das organizações, aqui representadas pela recorrente Vale: a ideologia de mercado. Como ela funciona? Explorando, de maneira predatória tudo e todos que estão à sua frente, destruindo vidas, massacrando corpos, contaminando rios e mares, caluniando e criminalizando aqueles que não se mostram dispostos a compactuar com seus valores. Se Brumadinho não é suficiente para evidenciar essa ideologia, basta lembrar os dez adolescentes brutalmente assassinados, queimados vivos, no Rio de Janeiro – que estavam dentro do “abrigo” que deveria protegê-los e lançá-los como novos talentos do futebol brasileiro. Foram mortos sem o menor pudor, tendo em vista que o local não tinha certificado de aprovação para funcionar como dormitório e já acumulava 31 multas pela falta de licença.

O mais grave é que a ideologia de mercado conta com o respaldo desejante de uma parte significativa da população brasileira e mundial que é, talvez sem se dar conta, o próprio alvo das agressões. Como ela opera? Envolvendo-se em uma máscara, mal colocada, de moralização nacionalista (Brasil acima de tudo) e de devoção (Deus acima de todos). Deus? Sejamos claros: Que Deus é esse? Na ideologia de mercado adotada por governos e empresas ele é evidente: Trata-se do deus capital, que se pretende cada vez mais onipresente, onisciente e onipotente (Lafargue, 1996). Em nome desse deus não cessam as práticas de ofender, agredir e massacrar a população, incluindo aí seus próprios eleitores apoiadores que são os mais atingidos, pois, como dito, ainda não foram capazes de perceber que os alvos do massacre são as classes média e baixa de nosso país, ou seja, a grande maioria da população.

A ideologia de mercado simplesmente segue seu curso no Brasil e no mundo, explorando, matando e retirando direitos historicamente conquistados por duras lutas (Comitê Invisível, 2015). A ideologia de mercado age atualizando aquilo que a academia, as artes, os ecologistas, alguns jornalistas e os movimentos sociais de diferentes tipos vêm denunciando há tempos: O Estado e as empresas aderem cada vez mais frequentemente a uma política de morte (Mbembe, 2018; El país, 2019b). Há entre eles (governo e iniciativa privada) um pacto macabro: a ideologia de mercado não deseja um Estado mínimo, ela usa o Estado como dispositivo para colocar em curso uma verdadeira necropolítica (Mbembe, 2018) cada dia mais predatória, preconceituosa, assassina e criminosa. Foi essa necropolítica que estendeu suas mãos cruéis sobre os moradores de Brumadinho (e também sobre os adolescentes do Flamengo), espalhando sua mais nova máxima: “Lucro acima de tudo, lama acima de todos” (Carta Capital, 2019).

Aprendizagem e suavidade? Sim, apesar de já quase sem fôlego, continuamos sustentando sua potência. E o fazemos tomando o cuidado, entretanto, de não cair na sedução das saídas mágicas prometidas pela ideologia de mercado e nem no ressentimento nihilista e paralisante do “não há o que fazer”, também ele sustentado pelo mercado e pelo governo que se alimentam da nossa tristeza.

Afinal, aprendizagem e suavidade não são mimos que se ganham de uma divindade superior benevolente. São conquistas que exigem muito trabalho e muita coragem para recusar essa divindade. Há uma construção a ser feita nessa direção a cada novo encontro, a cada nova situação repentina que a vida nos coloca, sem aviso e sem preparo. Nessa construção, há que se criar espaços nos quais os afetos possam ser experimentados e sustentados em sua intensidade múltipla, caótica, inesperada e desconcertante. Espaços nos quais o sorriso, o afago e o encontro não sejam cifrados e não passem pela mão diabólica do deus capital que tudo avalia, moraliza, quantifica, coloca na linha de produção e vende como mera mercadoria, cuja obsolescência já está programada.

Cabe-nos, então, a difícil tarefa de sustentar um corpo vivo, capaz de acolher e experimentar os afetos sem as promessas de estabilidade e as garantias idealizadas pelo mercado que alimentam uma subjetividade capitalística prepotente e infantilizada. Estamos de luto pelos cidadãos brasileiros vítimas do crime ocorrido em Brumadinho. Mas, também estamos diante do desafio de encarar, dar visibilidade pública e aprender algo com a “História que a história não conta” (Oliveira, et al, 2019), fazendo com que esse luto se reverta em luta e não espante a alegria de continuar buscando a suavidade nos encontros. Somente pela alegria é possível criar e dar suporte a novos mundos, múltiplos e desejantes, contando com a força vital e inalienável dos afetos. E, quem sabe assim, aprender a desenhar uma nova suavidade...

## REFERÊNCIAS

- Carta Capital (2019). Lucro acima de tudo. Lama acima de todos. Retirado de <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/lucro-acima-de-tudo-lama-em-cima-de-todos/>. Em 04/02/2019.
- Comitê Invisível. (2018). Aos nossos amigos: crise e insurreição. São Paulo: Ed. N – 1.
- Jornal Brasil 247. (2019). Roda de apoio entre bombeiros e voluntários. Retirado de <https://www.brasil247.com/pt/247/sudeste/382569/Crime-cat%C3%A1strofe-da-Vale-mortos-j%C3%A1-somam-121.htm>. Em 03/02/2019.
- Jornal El País. (2019a). Estará o Brasil desafiando em Brumadinho àqueles que tentam roubar os seus sonhos? Retirado de: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/04/opinion/1549318537\\_881102.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/04/opinion/1549318537_881102.html). Em 05/02/2019.
- Jornal El País. (2019b). O que fazer quando empresas matam. Retirado de: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/25/politica/1551065907\\_650249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/25/politica/1551065907_650249.html). Em 27/02/2019.
- Jornal Rede Brasil Atual. (2019). Trabalho dos bombeiros em Brumadinho. Retirado de <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2019/01/mortos-no-rompimento-de-barragem-da-vale-chegam-a-58-outros-305-estao-desaparecidos>. Em 03/02/2019.
- Lafargue, P. (1996). A religião do capital. Lisboa: Editora &etc.
- Oliveira, R.; Bola, M.; Mama S.; Domenico, D.; Miranda, T.; Firmino, D. (2019). História pra Ninar Gente Grande. Samba enredo da Mangueira no ano de 2019.
- Mbembe, A. (2018). Necropolítica. São Paulo: Edições N-1.
- Sassen, S. (2016). Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra.